

## **A PROPOSTA DE UMA EPISTEMOLOGIA ESTÉTICA EM WALTER BENJAMIN**

*Paulo Victor de Albuquerque Silva*

### **RESUMO**

O respectivo texto tem por objetivo afirmar que: a teoria do conhecimento de Walter Benjamin, presente no *Konvolut N* da obra “*Passagenwerk*”, é um trabalho filosófico construído simultaneamente e estruturalmente, numa filosofia epistemológica e estética. As novas configurações do mundo contemporâneo, e suas argúcias teológicas da mercadoria, alteram nosso modo de percepção, levando Walter Benjamin a formular uma nova teoria do conhecimento que se adequa a estrutura hermenêutica da metrópole. Em sua obra “*Passagens*”, Benjamin expõe sua concepção do modo como a urbanização fantasmagórica moderna delimita a percepção de seus habitantes. As grandes metrópoles capitalistas produziram uma espacialidade onírica em que nos encontramos inseridos, onde a única saída, de acordo com o autor, seria o despertar da consciência no “*agora da cognoscibilidade*”. Tendo em vista a abrangência do estudo estético na filosofia benjaminiana, faz-se necessário indagarmos em que medida sua gnosiologia da metrópole no capitalismo avançado, não encontra-se imersa em meio às suas elucubrações sobre a teoria estética. O que propomos, no entanto, é que a questão estética não somente se faz presente no livro “*Passagenwerk*”, antes disso, a estrutura de sua epistemologia é concomitantemente uma estética.

**Palavras-chave:** Walter Benjamin. Estética. Hermenêutica. Epistemologia.

### **THE PROPOSAL OF AN AESTHETIC EPISTEMOLOGY IN WALTER BENJAMIN**

#### **ABSTRACT**

*The respective text aims to state that: Walter Benjamin's theory of knowledge, present in the Konvolut N of the work “Passagenwerk”, is a philosophical work built simultaneously and structurally, in an epistemological and aesthetic philosophy. The new configurations of the contemporary world, and its theological acumen of merchandise, alter our mode of perception, leading Walter Benjamin to formulate a new theory of knowledge that fits the hermeneutic structure of the metropolis. In his work “Passagenwerk”, Benjamin exposes his conception of how modern phantasmagorical urbanization delimits the perception of its inhabitants. The great capitalist metropolises produced a dreamlike spatiality in which we find ourselves inserted, where the only way out, according to the author, would be the awakening of consciousness in the “now of knowability”. In view of the scope of aesthetic study in Benjamin's philosophy, it is necessary to inquire to what extent his gnosiology of the*

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza -  
CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

*metropolis in advanced capitalism is not immersed in the midst of his thoughts on aesthetic theory. What we propose, however, is that the aesthetic question is not only present in the book "Passagenwerk", rather the structure of his epistemology is concomitantly an aesthetic.*

**Keywords:** *Walter Benjamin. Aesthetic.Hermeneutics. Epistemology.*

## Introdução

Um dos principais objetivos da gnosiologia benjaminiana, pertencente ao trabalho das "Passagens", seria o de produzir uma teoria do conhecimento com viés político, que serve de artimanha prática contra as pretensões totalitárias do fascismo outrora crescente na Alemanha do século XX, assessoradas pelo ideal de progresso histórico da humanidade em uma atmosfera fantasmagórica da metrópole moderna. Também evidencia-se em seus estudos a preocupação com a superestrutura social e o quanto ela encontra-se abarrotada de artimanhas estetizantes em sua composição, o que levou o autor a pensar tal fenômeno estético em suas mais variadas instâncias, sejam elas culturais, históricas, de crítica ao capital, ou com o modo de vida do indivíduo na metrópole moderna, etc. Observemos o que nos diz Benjamin em seu texto "A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica": "Ao longo de grandes períodos históricos transforma-se todo o modo de existência das sociedades humanas, e com ele o seu modo de percepção."<sup>1</sup> (BENJAMIN, 2017, 16). Com isso, ele afirma que os limites da percepção, e conseqüentemente do entendimento humano, encontram-se circunscritos ou constituídos, não somente pelo condicionamento natural da espécie, mas também, pelos condicionantes históricos, que em nossa pesquisa referem-se à metrópole moderna. As novas configurações do mundo contemporâneo, e suas argúcias teológicas da mercadoria, alteram nosso modo de percepção, levando Walter Benjamin a formular uma nova teoria do conhecimento que se adeque a estrutura hermenêutica da metrópole<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> (Texto original). "À de grands intervalles dans l'histoire, se transforme en même temps que leur mode d'existence le mode de perception des sociétés humaines. La façon dont le mode de perception s'élabore (le médium dans lequel elle s'accomplit) n'est pas seulement déterminée par la nature humaine, mais par les circonstances historiques." (BENJAMIN, 2011, 182).

<sup>2</sup> Quem lança a ideia de uma "hermenêutica da metrópole" em Walter Benjamin é a filósofa Olgária Mattos no tópico "Aufklärung na metrópole: Paris e a Via Láctea" de sua obra "Benjaminianas: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo".

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza -

CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

O problema que gostaríamos de levantar neste artigo é: tendo em vista a teoria do conhecimento de Walter Benjamin, presente no caderno N da obra “Passagens” - não seria o seu trabalho epistemológico construído simultaneamente e estruturalmente, numa filosofia, não somente epistemológica, como também estética? Se levamos em consideração a abrangência do estudo estético na filosofia benjaminiana, faz-se necessário indagarmos em que medida sua gnosiologia da metrópole no capitalismo avançado, não se encontra imersa em meio às suas elucubrações em torno da teoria estética. Pensar a constituição de um estudo epistêmico pautado e estruturado numa nova concepção de filosofia estética revelaria uma dupla faceta: 1) por um lado manifestando a ampliação do campo epistêmico dos estudos estéticos para além da sua corriqueira e limitada definição moderna como “filosofia da arte”; 2) produzindo, no âmago dos estudos gnosiológicos, a formatação de uma originária compreensão epistêmica dentro da tradição filosófica, agora concebida fundamentalmente por uma teoria estética. Com isso pretendemos trazer à tona tal questão de modo introdutório, tendo em vista a amplidão das investigações sobre a filosofia benjaminiana.

## 1 A hermenêutica estética da metrópole

O conglomerado de ideias que permeiam o pensamento benjaminiano veio culminar com o grande trabalho inacabado realizado na maturidade intelectual de Benjamin após anos de investigação, o “*Passagenwerk*” (Trabalho das Passagens). Nele Benjamin se debruça com mais afinco em torno do conceito de “fetiche da mercadoria”, tão onipotente na metrópole francesa, Paris<sup>3</sup>, como afirma Olgária Matos: “A obra *Passagens*, de Walter Benjamin, constrói uma historiografia do século XIX ao realizar uma hermenêutica dos espaços fantasmagóricos da cidade de Paris, cuja infraestrutura é baseada na mercadoria.” (MATOS, 2010, 195).

A obra “*Passagenwerk*” é dividida em vários cadernos que descrevem as inúmeras facetas da metrópole parisiense, dos quais encontramos o caderno N “Teoria do conhecimento, teoria do progresso”. Nele, Benjamin expõe sua concepção

---

<sup>3</sup> Para aqueles que desejam estudar de modo mais contido e pormenorizado o fenômeno das metrópoles modernas, recomendamos a leitura da obra “Tudo que é sólido desmancha no ar” de Marshall Berman, através dela podemos compreender melhor o espírito histórico da modernidade.

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

do modo como a urbanização fantasmagórica delimita a percepção dos seus habitantes.<sup>4</sup> As grandes metrópoles modernas produziram uma espacialidade onírica em que nos encontramos inseridos, onde a única saída, de acordo com o autor, seria o despertar da consciência no “agora da cognoscibilidade”<sup>5</sup>. Doravante, resta-nos recorrer politicamente à rememoração do passado como o “outro” que se revela enquanto confronto às fantasmagorias da cidade. Um passado que se manifesta dialeticamente, tanto como o ocorrido histórico concreto quanto aquilo que foi reprimido no percurso histórico. Daí afirmar Benjamin no caderno N: “Pode-se considerar um dos objetivos metodológicos deste trabalho demonstrar um materialismo histórico que aniquilou em si a ideia de progresso. (...) Seu conceito fundamental não é o progresso, e sim a atualização.”<sup>6</sup> (BENJAMIN, 2009, 502). Para o autor, a aniquilação do ideal de progresso somente ocorre com o salto da imagem dialética que lampeja no agora da cognoscibilidade.<sup>7</sup> (BENJAMIN, 2009, 515).

---

<sup>4</sup> No texto “*Walter Benjamin : la perspective comme fantasmagorie*”, de Jean-Louis Déotte, o escritor realça o modo como a fantasmagoria determina a sensibilidade enquanto um projeto político do século XIX, artimanha que serviria muito bem às estratégias políticas dos regimes totalitários que viriam surgir no século XX. “Dès lors, ces fantasmagories secondaires déterminent la sensibilité commune prégnante au XIXe siècle. Ce sont des formes d’aliénation, déterminantes pour W. Benjamin dont le projet d’écriture (Paris, capitale du XIXe siècle) est essentiellement politique: comprendre comment les masses urbaines du siècle passé auront pu être mobilisées par les partis totalitaires du XXe siècle, puisque chaque ‘époque rêve la suivante.’” (DÉOTTE, 2014, 4).

<sup>5</sup> Abrahão Sampaio em sua obra “Imagens em fuga de um mundo em miniatura: a constelação do despertar nas Passagens de Walter Benjamin”, expõem o papel da força epistemológico-política do conceito de despertar contra as fantasmagorias das metrópoles modernas na teoria de Benjamin quando afirma: “O despertar é, na verdade, a passagem do estado de sono/sonho para o estado de vigília, um breve momento em que a atenção se debruça sobre as imagens que o corpo do narrador evoca para constatar a certeza de si no espaço e no tempo.” (SAMPAIO, 2018, 222). Perceba como é característico do fenômeno social e histórico das cidades modernas a manutenção do estado onírico sobre seus habitantes, não somente no nível cognitivo como também fisiológico.

<sup>6</sup> Susan Buck-Morss nos alerta como a ideia de um tempo homogêneo e vazio preenchido por um ideal de progresso humano, é capaz de mitologização do percurso histórico, quando afirma: “Os mitos respondem à pergunta: por que o mundo é o que é, quando uma causa e um efeito empíricos não podem ser visto ou quando não podem ser lembrados. Embora os mitos satisfaçam o desejo dos seres humanos por um mundo pleno de sentido, fazem-no ao preço de devolver-lhes este mundo sob a forma de um destino inescapável.” (BUCK-MORSS, 2002, 109).

<sup>7</sup> A teoria do conhecimento de Benjamin exposta nas “Passagens” é claramente perceptível em seu último escrito chamado “Sobre o conceito da história”, quando o filósofo critica a ideia de progresso, defendendo, por sua vez, o “tempo do agora”. Na 13ª tese afirma o autor, “a ideia de um progresso do gênero humano na história não se pode separar da ideia da sua progressão ao longo de um tempo homogêneo e vazio.” (BENJAMIN, 2012, p. 17). Concluindo na tese seguinte que “a história é objeto de uma construção cujo lugar é constituído não por um tempo vazio e homogêneo, mas por um tempo preenchido pelo Agora (*Jetztzeit*).” (BENJAMIN, 2012, 18).

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza -

CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

O reconhecimento da amplitude estética na teoria benjaminiana<sup>8</sup> pode ser perceptível quando Donovan Castellanos expressa no texto *“La ciudad de las fantasmagorías. La Modernidad urbana vista a través de sus sueños”* a seguinte colocação: “A estética revolucionária que tinha em mente o pensador judeu-alemão, tinha como tarefa desfazer a alienação do sensorial humano, restaurar a força dos sentidos corporais pelo bem da autopreservação da humanidade, assediada pelo fascismo e sua estetização da política.”<sup>9</sup> (CASTELLANOS, 2014, 257). O assédio fascista, através da estetização da política, sobrepuja o aparelho sensorial dos indivíduos das grandes metrópoles, embotando sua consciência por meio de seus mecanismos ideológicos. Nesse ínterim, propunha Benjamin uma reeducação perceptiva do corpo, daí a introdução de uma nova epistemologia atrelada às fantasmagorias do século XIX.<sup>10</sup> A estetização política fascista, que encontrou solo fértil no fenômeno da metrópole moderna e sua produção em massa de indivíduos de existência autossuficiente, conduziram o filósofo frankfurtiano a elaborar uma epistemologia do sensível, pautada na problemática da estetização social. O que propomos, no entanto, é que a questão estética não somente se faz presente no livro *“Passagenwerk”*, antes disso, a estrutura de sua epistemologia é concomitantemente uma estética. Benjamin, mesmo com todas as pretensões políticas, gnosiológicas, artísticas, etc. pensa o conhecimento nas grandes metrópoles de modo estético, e isso se deve, em grande parte, ao projeto de estetização política nazifascista do século passado.

Assim, o que queremos levantar como questão é se Benjamin não inaugura uma nova teoria gnosiológica dentro do quadro epistêmico da tradição filosófica, propondo - a que preferimos chamar - uma epistemologia-estética, que se torna viável

---

<sup>8</sup> Vale destacar que no valioso estudo de Susan Buck-Morss *“The Dialectics of Seeing: Walter Benjamin & the Arcades Project”*, a autora também enfatiza a amplitude do conceito benjaminiano de estética.

<sup>9</sup> (Tradução nossa). “La estética revolucionaria que tenía en mente el pensador judeo-alemán, tenía por cometido deshacer la alienación del sensorium corporal, restaurar la fuerza de los sentidos corporales humanos por el bien de la autopreservación de la humanidad, asediada por el fascismo y su estetización de la política”. (CASTELLANOS, 2014, 257).

<sup>10</sup> A preocupação de Benjamin com a questão da “estetização política fascista” se torna evidente logo no prefácio do texto “A obra de arte na época da possibilidade de sua reprodução técnica”. Tal fato nos revela o quanto a arte de seu tempo estava, de acordo com o autor, repleta de políticas fascistas. Ele afirma: “Os conceitos adiante introduzidos pela primeira vez na teoria da arte distinguem-se dos mais comuns pelo fato de serem de todo inapropriados para os fins prosseguidos pelo fascismo. Servem, isso sim, para a formulação de exigências revolucionárias na política artística.” (BENJAMIN, 2017, 11). Com isso o autor desejava incitar um processo de politização da arte, contrariando o projeto fascista de estetização da política.

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

devido à compreensão do autor do que seria o conceito de estética, não se limitando à clássica noção de filosofia da arte ou ciência do belo, tão defendida pelo idealismo alemão<sup>11</sup>. Donovan Castellanos aborda o tema da estética em Walter Benjamin nos lembrando que tal conceito é proveniente do grego “*Aisthētikos*”, designando a percepção através da sensação (CASTELLANOS, 2014, 257), sendo, portanto, a “*Aisthesis*” a experiência da percepção, ideia anteriormente presente na tese de livre docência “Origem do drama barroco alemão”, de Benjamin, escrita em 1925. Daí concluir o escritor mexicano que: “Estética é então um discurso do corpo, uma forma de conhecimento que se obtém através do tato, o gosto, o ouvido, a vista e o olfato; em suma, um saber que inclui todo o sensorial corporal entendido politicamente.”<sup>12</sup> (CASTELLANOS, 2014, 257). Neste sentido, se levarmos em consideração que para Walter Benjamin a estética não se restringe a uma ciência do belo artístico, antes se manifesta, de modo mais amplo, como experiência da percepção sensorial, devemos admitir a possibilidade de sua epistemologia materialista histórica ser completamente permeada por sua concepção estética, e que o filósofo frankfurtiano dificilmente conceberia tais elucubrações se não estivesse assessorado pelo sentido da *Aisthesis* com o qual se municiou.

O que levaria Benjamin a ampliar o conceito de estética e mais, porque a teoria estética seria tão eficiente contra a mitologia fantasmagórica no alto-capitalismo? Pensar uma estética como *Aisthesis* é abrir caminho à um estudo do sensorial que vai além das arestas tanto do meramente artístico quanto da teoria fenomenológica, pois leva em conta a experiência da sensorialidade humana no que tange, não ao fenômeno cognoscível do sujeito universal epistêmico, mas ao arcabouço sensorial dentro dos seus limites históricos, espaciais e temporais. Em outras palavras, as mudanças na vida técnico-material acarretam uma alteração no campo sensorial motor dos indivíduos, provocando, concomitantemente, a transformação cognitiva dos seres viventes. Tudo isso alimenta, em cada contexto factual, a expressão de

---

<sup>11</sup> Logo no primeiro capítulo do trabalho “Estética: a ideia e o ideal”, de Hegel, lemos o que se segue: “Esta obra é dedicada à estética, quer dizer: à filosofia, à ciência do belo, e, mais precisamente, do belo artístico, pois dela se exclui o belo natural.” (HEGEL, 1988, 03). Tal abordagem filosófica hegeliana em torno do conceito de estética unicamente como filosofia da arte se proliferou por um longo tempo entre os futuros pensadores alemães da época.

<sup>12</sup> (Tradução nossa). “Estética es entonces un discurso del cuerpo, una forma de conocimiento que se obtiene a través del tacto, el gusto, el oído, la vista y el olfato; en suma, un saber que incluye todo el sensorium corporal entendido políticamente.” (CASTELLANOS, 2014, 257).

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

estilos de vida atrelados aos seus acontecimentos históricos em uma “totalidade” de sentido hermenêutico. Tal fato não se caracteriza por um determinismo contingencial, antes leva Benjamin a pensar maneiras, subterfúgios, artimanhas que desviem do grande estratagema mítico histórico-social moderno, mas mantendo o teor sensorial como seu intermediador fundamental. Como recurso teórico Walter Benjamin emprega o mecanismo da imagem dialética, ela que nos salta à consciência, nos sobrevém como relâmpago. Vem-nos primeiramente como imagem representativa, ou seja, revestida de visualidade estética, sensorialmente afetiva e saturada de sentido hermenêutico, já que fruto da materialidade histórica. Isso explica o que levou o autor das “Passagens” a analisar o fenômeno da metrópole moderna francesa construindo um diagrama com sinais e cores, bem como sua motivação em teorizar um método de pesquisa pautado na “montagem literária”<sup>13</sup>.

## 2 Uma teoria estético-espacial sinalizada por cores

O projeto benjaminiano que pretende uma ruptura com o ideal de progresso da humanidade, processo denominado de *continuum* histórico, que é sustentado pelo aparato fetichista e fantasmagórico das metrópoles capitalistas, leva o pensador a desenvolver o método da “montagem literária”, descrito no capítulo “Teoria do conhecimento, teoria do progresso” das “Passagens”. Por conseguinte, afirma Benjamin, “método deste trabalho: montagem literária. Não tenho nada a dizer. Somente a mostrar.” (BENJAMIN, 2009, 502). Com isso Benjamin nos indica que utilizará os fragmentos do real, seus fenômenos, provocando no observador uma percepção dialética que fará implodir as contradições internas do mundo circundante. Para tanto, ele decide expor tudo aquilo que escapa à percepção consciente, mas que se encontra acomodado nas camadas obscuras do inconsciente coletivo. Com isso ele traz à superfície as imagens dialéticas (*dialektische Bilder*)<sup>14</sup>.

<sup>13</sup> Novamente destacamos o recurso encontrado por Benjamin como sendo de viés sensorial quando o mesmo se propôs a desenvolver seu método de trabalho, ao utilizar artifícios como sinais, cores, montagem, etc.

<sup>14</sup> Ayşegül Ergül, em sua tese de doutorado “*Walter Benjamin and Kitsch Politics in the Phantasmagorical Age*”, explora a significativa relevância que Walter Benjamin oferece ao conceito de “imagem” (*Bild*) ao longo de suas obras, quando afirma “In fact, the term image (*Bild*) appears in various combinations in his writing, such as: graphic image (*Schriftbild*), dream image (*Traumbild*), the images of history (*Bilder der Geschichte*), mnemonic images (*Erinnerungsbild*), thought-images (*Denkbilder*) and dialectical images (*dialektische Bilder*). All of these conceptualizations of the image find their basis in

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza -

CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

A definição conceitual da “imagem dialética” na filosofia benjaminiana denotaria uma longa exposição, tendo em vista sua complexidade e longevidade dentro da teoria crítica do autor, mas o que gostaríamos de salientar é que sua conotação, enquanto imagem representativa dos fenômenos históricos, aproxima-se do campo vinculado à filosofia estética, sendo esse conceito uma ideia fundamental em sua construção gnosiológica. O mesmo podemos dizer sobre o método empregado no caderno N, o da “montagem literária”. O ato de montar, mesmo que seja literariamente, pressupõe uma noção espacial em sua constituição, um quebra-cabeças teórico e imagético. Contrariamente à tradição moderna - principalmente aquela influenciada por Kant que legitima as categorias de tempo e espaço como pertencentes às estruturas apriorísticas cognitivas do humano, ou seja, que centralizam o entendimento em torno da figura do sujeito do conhecimento e o abismo que o separa do noumeno - Benjamin propõe uma outra lógica ao sugerir uma gnosiologia do espaço objetivo preenchida pelos fragmentos do tempo histórico no agora cognoscível<sup>15</sup>. Tomemos como fonte teórica o texto de Willi Bolle “A metrópole como hipertexto: a ensaística constelacional no projeto das Passagens, de Walter Benjamin”. Nele Bolle enfatiza o quanto o filósofo frankfurtiano nos alerta sobre o modo como as representações literárias tradicionais encontram-se submissas aos fenômenos da metrópole moderna, e como Benjamin, para se adequar às novas configurações do capitalismo avançado, se viu instigado a formular um intermediário entre escrita e imagem, criando um sistema de siglas em cores e formas no fim dos anos 30. A estratégia teórico espacial de Benjamin persistiu em vários outros textos posteriores, entre eles nas “Passagens”. “(...) ao planejar o seu livro-modelo das

---

the literal sense of the word, that is, image as likeness, similitude, or resemblance (Ähnlichkeit).” (ERGÜL, 2016, 09-10). Em sequência ele enfatiza a relação do conceito de “imagem” (*Bild*) com a estética, evidenciando o teor político que o mesmo carrega consigo, quando afirma, “He relates the image neither to representation (Darstellung) nor to reproduction (Abbild). For, he attempts to rescue images from aesthetic discourses, and endow them with a politically charged power.” (ERGÜL, 2016, 10).

<sup>15</sup> Acredito que, neste ponto, devemos questionar em que medida a teoria benjaminiana não poderia estar situada dentro de uma característica muito marcante nas filosofias contemporâneas do século XX, a que o filósofo Manfredo Oliveira denominou de “despotencialização do sujeito”, fenômeno que marca a descentralização da pesquisa filosófica do sujeito do conhecimento, direcionando-a à linguagem como centro das formações teóricas do último século. Defendemos que, em concordância com as novas abordagens do século XX, Benjamin também reflete em sua teoria filosófica o marco da “despotencialização do sujeito” mas que, em contrapartida, não conduz sua análise à uma centralidade primordialmente linguística. Para mais vide: OLIVEIRA, Manfredo A. Antropologia filosófica contemporânea: subjetividade e inversão teórica.

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza -

CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

‘Passagens parisienses’, Benjamin retoma a ideia de um mapa semelhante, mas desta vez as cores e as formas são efetivamente desenhadas em vez de apenas nomeadas.” (MACHADO, 2015, 86). Se, como afirma Benjamin em sua gnosiologia, seu método é o da “montagem literária”, salientando o sentido literal do termo “montagem” como nos assegura Willi Bolle, devemos considerar seriamente tal enlace fundante entre o aparato sensorial espacial e a teoria epistêmica na filosofia do conhecimento presente na obra das “Passagens”. Insistimos que, no ato de fotomontagem, Benjamin tem por intenção a prática política que visa puxar o freio de mão da história mítica do progresso, mas que sua trajetória é permeada por uma mecânica teórica do sensível, não sendo o seu método de cunho metafísico, fenomenológico, psicológico, antropológico, de uma teoria do belo, etc<sup>16</sup>. Todos esses outros campos teóricos também encontram-se em seu trabalho, mas não como instrumentos metodológicos de intervenção no real.

O “despertar” do mundo onírico, que é a metrópole fantasmagórica moderna, manifesta o “agora da cognoscibilidade” (BENJAMIN, 2009, 528). Seremos despertos, de acordo com nosso autor, com a ajuda da representação das “imagens dialéticas”, montadas no formato de um mapa sensível e teórico, trazendo a tona a reeducação de um outro modo de percepção sensorial e histórico, resistente as artimanhas teológicas da mercadoria. Alterando-se a percepção altera-se o conhecimento. Daí afirmar: “o lado pedagógico deste projeto: ‘Educar em nós o *medium* criador de imagens para um olhar estereoscópico e dimensional para a profundidade das sombras históricas.” (BENJAMIN, 2009, 500).

Como reforço a ideia metódica para o florescimento das imagens dialéticas, tomemos como exemplo um texto de 1929 intitulado “O surrealismo: o último instantâneo da inteligência européia”. Nele Benjamin trabalha o conceito de

---

<sup>16</sup> Uma outra estratégia estético espacial utilizada por Benjamin para pensar a realidade histórica no *Passagen-Werk* foi a utilização de “coordenadas”. Para Susan Buck-Morss, as coordenadas seriam o instrumento teórico padronizado que “funciona como estrutura invisível da pesquisa histórica do *Passagen-Werk*, e que torna coerentes os elementos conceituais aparentemente desconectados.” (BUCK-MORSS, 2002, p. 254-255). O próprio Gerson Scholem (1989) chega a afirmar que Benjamin falava de seus novos pensamentos como “sistema de coordenadas”. A necessidade em aplicar os recursos imagéticos na filosofia benjaminiana, como fonte estratégica teórica, se deve a maior capacidade contedual latente contida na imagem que manifesta-se como constelação conceitual. O artifício plástico da imagem traz à tona uma nova dimensão sobre a totalidade de sentido e seus aparentes paradoxos fenomênicos, todos reunidos numa mesma figura alegórica. Afinal, como afirma Benjamin (2015) em o “Parque central”: “O interesse original pela alegoria não é linguístico, mas óptico.” (184).

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

“iluminação profana” (*profanen Erleuchtung*). Tal “iluminação”, ao ser referida como profana, diz respeito ao seu caráter materialista e antropológico. (BENJAMIN, 1994). Ou seja, o que está sendo trabalhado aqui seria uma anterioridade pertencente à experiência corporal, sensorial, enquanto introdução do conhecimento e suas imagens dialéticas. Vale destacar que para Benjamin a experiência tanto com o haxixe, o ópio, quanto outras drogas, pode servir de propedêutica tão intensamente à “iluminação profana” como ao rigor religioso, revelando a inspiração dialética proveniente da luminosidade materialista. Abre-se aqui um espaço para o corpo sensorial, bem como um espaço às imagens, num encontro de tensões que será vivenciado por nós como experiência estética. É somente a experiência de um corpo coletivo inervado por imagens dialéticas que nos aproximará da exigência presente no “Manifesto comunista”, a do ato revolucionário. Como afirma Benjamin (1994, 35), “(...) quando o corpo e o espaço de imagens se interpenetrarem, dentro dela, tão profundamente que todas as tensões revolucionárias se transformem em inervações do corpo coletivo, e todas as inervações do corpo coletivo se transformem em tensões revolucionárias”. Apenas assim a realidade será superada. Com isso fica-nos um pouco mais claro o que pretendia Walter Benjamin ao propor, nas “Passagens”, a dimensão pedagógica que parte da reeducação do sensorial como fundamento do despertar das imagens dialéticas profanamente iluminadas.

Ainda resta-nos destacar que diversas foram as interpretações acerca do “método literário”, análises que, por vezes, interpretam a metodologia benjaminiana destacando, seja o materialismo político, ou mesmo o estrito sentido literato da montagem de textos, sejam eles de cunho visual ou não.<sup>17</sup> Para nós, o método

---

<sup>17</sup> Podemos exemplificar tal fato expondo duas interpretações acerca do método de montagem literária benjaminiano. A primeira se encontra no texto “Teoria epistemológica na obra das Passagens, de Walter Benjamin: o princípio da montagem literária de imagens dialéticas como uma possível marca do estilo”, de Davidson de Oliveira Diniz, e a segunda seria a do escritor Carlos Eduardo Jordão Machado com o trabalho “Walter Benjamin: ‘montagem literária’, crítica à ideia do progresso, história e tempo messiânico”. Para Carlos Machado o método da “montagem literária” permitiu a Benjamin revelar a descontinuidade existente em meio à continuidade histórica, expor os momentos de ruptura que paulatinamente desestruturam o continuum histórico. Dirá o autor, “é justamente a montagem literária que lhe possibilita pensar a história a contrapelo, em direção diametralmente oposta, à ilusória e ideológica ideia dessa como uma mera projeção linear no tempo, um continuum (...)” (MACHADO, 2015, 137). Logo, para Carlos Machado, a montagem literária serve como estratégia de uma nova narrativa da história que se propõe política. Já no que se refere a ideia de Davidson Diniz, o escritor enfatiza o aspecto marcante do materialismo histórico presente na metodologia benjaminiana, que levou o filósofo alemão a construir uma narrativa literária que nos proporciona uma historiografia das passagens parisienses. Com isso defende que “Benjamin, à força desses aspectos, buscava na técnica da montagem um método capaz de justapor fragmentos literários destinados à evocação constelar de

epistemológico proposto por Benjamin na obra “*Passagenwerk*” não se restringe exclusivamente a uma colagem de textos literários ou políticos, antes sua metodologia gnosiológica tanto se fundamenta quanto se sustenta plenamente sobre os preceitos estéticos da *Aisthesis* grega. A constituição de uma epistemologia estética manifesta-se como algo único e original à pesquisa filosófica, ainda mais se levarmos em consideração o contexto em que Benjamin propõe seu método, no início do século XX, período onde a filosofia deslumbrava-se com o paradigma histórico da teoria da linguagem hermenêutica e o pragmatismo.

## **CONCLUSÃO**

Na história da filosofia nos deparamos com as mais variadas doutrinas em torno da teoria do conhecimento enquanto campo de estudo filosófico, fato que constituiu o grande paradigma da modernidade. A origem da filosofia da subjetividade com Descartes, o embate entre racionalistas e empiristas, a reviravolta copernicana na filosofia com Kant, a despotencialização da subjetividade iniciada por Hegel, a fenomenologia com Husserl, a ontologia hermenêutica de Heidegger. Todos, de algum modo, abordaram a problemática da origem do conhecimento humano como questão fundante. Mas até que ponto tais doutrinas exploraram suficientemente a objetividade espacial da realidade considerada em sua perspectiva histórico sensorial? Benjamin, por sua vez, ao se deparar com a falta de um campo teórico que desse conta das manifestações materiais e nossa sensibilidade histórica, decide formular um método epistêmico que lançasse um novo olhar sobre a modernidade. Ele não chega a conceituar abertamente sua definição do que seria o estudo estético filosófico, mas seus trabalhos nos indicam um caminho para se pensar uma teoria estética abrangente, ampla - semelhante ao que fez Alexander Baumgarten, filósofo do século XVIII. Por isso fez-se necessário utilizar a teoria estética pois as demais correntes filosóficas de seu tempo não permitiam uma inserção no contexto material

---

imagens dialéticas e cuja manifestação, apreendida conscientemente pelo sujeito histórico de uma determinada temporalidade, permitiria chegar ao abstrato através do concreto. Em outras palavras, diríamos que a noção de montagem benjaminiana traz em si a evocação da imagem (*bild*), cuja apreensão já permite atingir o domínio escritural de uma reflexão a partir de uma base material, porém, sem mais fazer com que a sua legibilidade prescindia desta materialidade concreta do objeto histórico.” (DINIZ, 2008, 3). Diniz salienta a justaposição dos fragmentos literários como invocações da imagem dialética, relacionando o concreto com o abstrato.

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza -  
CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

histórico de modo adequado e politicamente eficiente. Com a ampliação da ideia de experiência estética Benjamin conseguiu produzir um novo método gnosiológico originário para se pensar o real.

Conjuntamente a ampliação do conceito filosófico de estética, acreditamos que também a teoria do conhecimento pensada por Walter Benjamin se manifesta sob uma nova perspectiva. Nela configura-se uma ruptura face à tradição gnosiológica, principalmente aquela proveniente do idealismo alemão - centrada na subjetividade transcendental. Ao refletir sobre os espaços fantasmagóricos da metrópole moderna e seu projeto de uma estetização da política, Benjamin inaugura uma filosofia do conhecimento espacial-sensorial-perceptiva atrelada ao tempo histórico que, tendo em vista sua singularidade, sugerimos conceituar como sendo uma “epistemologia estética”. Com isso procuramos vislumbrar o lugar latente da gnosiologia benjaminiana dentro da história filosófica e sua originária contribuição aos estudos epistêmicos.

Após o exposto, algumas questões inevitavelmente surgem tendo como pano de fundo a ideia levantada por Olgária Matos de que: a obra das Passagens seria uma historiografia que realiza uma hermenêutica dos espaços fantasmagóricos da metrópole. O que seria uma teoria hermenêutica em Walter Benjamin? Ao propor a possibilidade de uma experiência propedêutica que parte do sensível, qual seria a relação entre hermenêutica e estética? É possível uma experiência estética sem o sentido abrangente hermenêutico? Dito de outra maneira, é possível, em Benjamin, uma experiência unicamente sensorial anterior, ou fora de todo sentido linguístico? Talvez reduzir a epistemologia benjaminiana simplesmente ao seu fundamento propedêutico estético não seja suficiente para pensá-la em sua completude.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire** – um lírico no auge do capitalismo – Obras escolhidas III. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. **Écrits français**. Paris: Éd. Gallimard, 2011.

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

\_\_\_\_\_. **Estética e sociologia da arte.** Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

\_\_\_\_\_. **Gesammelte Schriften.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

\_\_\_\_\_. **Magia e Técnica, Arte e Política – Obras escolhidas I.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O anjo da história.** Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **O capitalismo como religião.** Tradução de Nélcio Schneider, Renato Ribeiro Pompeu. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Origem do drama barroco alemão.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_. **Origem do drama trágico alemão.** Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. **Passagens.** Tradução do alemão Irene Aron; tradução do francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2009.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade.** Tradução de Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BUCK-MORSS, Susan. **The Dialectics of Seeing: Walter Benjamin & the Arcades Project.** Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1989.

\_\_\_\_\_. **Dialética do olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens.** Tradução de Ana Luiza de Andrade. Belo Horizonte: Editora UFMG; Chapecó: Editora Universitária Argos, 2002.

CASTELLANOS, Donovan Adrián Hernández. La ciudad de las fantasmagorías. La Modernidad urbana vista a través de sus sueños. In\_\_ : **Andamios. Revista de Investigación Social.** Volume 11, número 25, maio-agosto, 2014, p. 243-271. acessível no site: <http://www.redalyc.org/toc.oa?id=628&numero=36852>

DÉOTTE, Jean-Louis. **Walter Benjamin : la perspective comme fantasmagorie. in: Appareil.** Publicado em 06 de fevereiro de 2014, p. 01-09. acessível no site: <https://journals.openedition.org/appareil/1971>

DINIZ, Davidson de Oliveira. **Teoria epistemológica na obra das Passagens, de Walter Benjamin:** o princípio da montagem literária de imagens dialéticas como uma possível marca do estilo. in: XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências. 13 a 17 de julho de 2008 USP – São Paulo, Brasil. acessível no site:

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/043/DAVIDS\\_ON\\_DINIZ.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/043/DAVIDS_ON_DINIZ.pdf)

ERGÜL, Ayşegül. Walter Benjamin and Kitsch Politics in the Phantasmagorical Age. In\_\_ : **Curve**: Carleton University Research Virtual Environment. acessível no site: <https://curve.carleton.ca/ef455562-68d5-4055-a59a-e08e4f8ed397>

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

\_\_\_\_\_. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Estética**: a ideia e o ideal. Tradução de Orlando Vitorino. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin**: o marxismo da melancolia. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MACHADO, Carlos Eduardo; JR, Rubens Machado; VEDDA, Miguel (Org.). **Walter Benjamin**: experiência histórica e imagens dialéticas. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MATOS, Olgária Chain Féres. **Benjaminianas**: cultura capitalista e fetichismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 22.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 1 v.

MEDEIROS, Mateus Gonçalves de. Sobre a Crítica do Conhecimento de Walter Benjamin. In\_\_ : **Cadernos Walter Benjamin**. Volume 4, janeiro a junho de 2010, p. 15-37. acessível no site: [http://gewebe.com.br/pdf/cad04/texto\\_02.pdf](http://gewebe.com.br/pdf/cad04/texto_02.pdf)

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Antropologia filosófica contemporânea**: subjetividade e inversão teórica. São Paulo: Paulus, 2012.

SAMPAIO, Abrahão Antonio Braga. **Imagens em fuga de um mundo em miniatura**: a constelação do despertar nas Passagens de Walter Benjamin. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

SCHOLEM, Gerson. **Walter Benjamin**: a história de uma amizade. Tradução de Geraldo Gerson de Souza et al. São Paulo: Perspectiva, 1989.

WEIGEL, Sigrid. The Flash of Knowledge and the Temporality of Images: Walter Benjamin's Image-Based Epistemology and Its Preconditions in Visual Arts and Media History. In\_\_ : **Critical Inquiry**. Volume 11, número 2, inverno de 2015, p. 344-366. acessível no site: HYPERLINK <https://www.journals.uchicago.edu/toc/ci/2015/41/2>

Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. Brasileiro, residente em Fortaleza - CE. Email: [paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com](mailto:paulovictordealbuquerque@silva@gmail.com)

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin**: uma biografia. Tradução de Romero Freitas. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.